

A sacralização e a dessacralização dos restos humanos

AREIA, Manuel Laranjeira Rodrigues

Departamento de Antropologia e Centro de Investigação em Antropologia
e Saúde, Universidade de Coimbra

PALESTRA

E-mail areia@antrop.uc.pt

Resumo 1. Os «restos humanos» (*human remains*) assumem em todas as sociedades uma dimensão sacralizante porque pertenceram a um corpo vivo, sujeito de rituais e bênção, antes de os seus donos passarem para um «outro mundo» sempre presente no culto dos antepassados.

Qualquer inovação que possa ser entendida como profanação desse carácter sagrado desencadeia reacções altamente emocionais.

2. Não sendo possível preservar na íntegra o corpo (e são raros os casos de mumificação) há uma acentuada preferência pelos crânios, o que se pode entender no mesmo contexto simbólico dos «caçadores de cabeças».

3. Os «restos humanos» integrados em colecções levantam problemas sociais e éticos, e até questões diplomáticas, muito mais delicados que outras colecções, por exemplo, de cultura material; daí uma crescente regulamentação para a manipulação científica dessas colecções, vista em qualquer caso como uma verdadeira profanação.

Legislação recente como NAGPRA (Native American Graves and Repatriation Act) de 1990 e HTA (Human Tissue Act) de 2004 são marcas de uma tendência que se vai acentuar cada vez mais. O diálogo entre as práticas científicas e os valores em causa terá que encontrar formas de interacção cooperativa.

Palavras-chave Sacralização; Profanação; Restos humanos; Crânio; NAGPRA; HTA